

A díade de Bourdieu: sobre a primazia do espaço social e do poder simbólico

Loïc Wacquant

Apesar de esclarecimentos antigos, intensos e recorrentes, ainda há inúmeros equívocos quando se trata dos princípios básicos da sociologia bourdieusiana.¹ Para alguns, Bourdieu é visto como o “teórico da reprodução”, quando os seus três primeiros livros tratam da transformação cataclísmica de uma sociedade colonial em guerra; Bourdieu supostamente “ignora a agência”, quando o próprio objetivo do *habitus* é repatriar o agente inventivo no centro da análise social; alguns afirmam que Bourdieu “não teorizou as ligações entre campos”, quando um dos seus conceitos mais distintivos, o campo do poder, foi concebido especialmente para isso; outros alegam que Bourdieu é “cego à etnicidade”, quando escreveu extensivamente sobre gradações culturais de (des)honra, e as suas origens regionais e anos na Argélia deram-lhe um sentido inato de etnicidade na sociedade francesa, e assim por diante. O problema agrava-se quando se trata de interpretações que são específicas de contextos nacionais: o Bourdieu turco não é o Bourdieu brasileiro, nem o Bourdieu norueguês, nem o Bourdieu francês. Cada país desenvolveu a sua própria versão seletiva adaptada à estrutura e à história do seu campo intelectual (de acordo com os princípios delineados por Bourdieu na sua discussão sobre “The Social Conditions of the International Circulation of Ideas” (Bourdieu, 1999[1990])).

¹ A versão original em língua inglesa do presente texto foi publicada em Wacquant, L. (2019). Bourdieu's Dyad: On the Primacy of Social Space and Symbolic Power. In J. Blasius, F. Lebaron, B. Le Roux, A. Schmitz (eds), *Empirical Investigations of Social Space*. Methodos Series, vol 15. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-15387-8_2. A tradução foi realizada por Virgílio Borges Pereira e revista pelo autor.

Há muitas formas de introduzir, destacar ou encapsular a sociologia de Bourdieu, mas a mais comum e popular nas principais línguas europeias (francês, alemão, inglês e espanhol) é, de longe, a que se refere à tríade concetual “*habitus-capital-campo*”. Inúmeros artigos, cartilhas e discussões teóricas sobre o sociólogo francês tomam como axiomático o facto de estas três noções resumirem adequadamente o seu quadro e captarem a sua originalidade.

Neste capítulo, utilizo e desenvolvo um trabalho anterior meu (especialmente, Wacquant & Akçaoglu, 2017) para argumentar que esta caracterização é defeituosa por três razões: a tríade é *redundante, incompleta e enganadora*. Ela obscurece a primazia analítica do espaço social sobre o conceito de campo e as limitações correlativas do termo “campo” a um subconjunto específico (e empiricamente raro) de universos sociais (ver também Swartz, 2019). Além disso, turva a especificidade do conceito de campo enquanto cosmos monopolista, conduzindo assim à multiplicação descontrolada de campos, esvaziando a noção de qualquer significado rigoroso. Finalmente, esta abordagem apaga o conceito mais original e potente de Bourdieu, o de poder simbólico. Pelo contrário, defenderei que a diáde *espaço social e poder simbólico* capta os dois pilares que estão na base da sua sociologia.

Os “três Rs” de Bourdieu

O raciocínio de Bourdieu pode ser caracterizado pelos “três Rs”: um racionalismo epistemológico, um relacionalismo ontológico e uma reflexividade metodológica que se questiona continuamente no próprio movimento em que é empregue (cf. Wacquant & Akçaoglu, 2017). Este raciocínio relacional e reflexivo é especialmente ameaçador para os académicos que têm *estruturas mentais rígidas* e interpretam a investigação social como a aplicação pré-reflexiva de fórmulas mecânicas prescritas por um credo teórico abrangente – e nesta frente, os últimos marxistas competem duramente com os parsonianos sobreviventes.

O mentor de Bourdieu na filosofia da ciência, Gaston Bachelard (1949), ensina-nos que o conhecimento científico emerge não preenchendo um vazio, mas rompendo com o “conhecimento espontâneo” que já existe, e não é diferente quando se trata de obras clássicas da sociologia que atravessam fronteiras. A sua noção de vigilância epistemológica incita-nos a estabelecer a origem dos nossos problemas, a colocar as nossas próprias questões, a forjar construções analíticas robustas em vez de tomar emprestadas as

noções suaves e maleáveis do senso comum (incluindo o senso comum acadêmico), a questionar metodicamente os nossos métodos e a adotar uma postura proativa no que diz respeito à produção de dados. O primeiro mandamento pelo qual todos os sociólogos devem viver é *nunca aceitar um objeto pré-fabricado* (cf. Wacquant, 2018, p. 5n).

Quando os conceitos e princípios analíticos de Bourdieu são a base para operações de investigação reais, podem ajudar-nos a articular novas questões e a descrever a paisagem empírica de novas formas, como faz Tom Medvetz (2012) no seu modelo de investigação sobre a ascensão dos *Think Tanks in America*. Medvetz ultrapassa as limitações dos estudos sobre a elite e a elaboração de políticas para compreender a ambiguidade intrínseca deste animal organizacional e diagnosticar o seu papel opaco no campo do poder nos EUA.

A simplificação mais amplamente utilizada é a tríade conceptual “*habitus-capital-campo*”. Esta tríade oferece, na melhor das hipóteses, uma condensação incoerente e incompleta do pensamento de Bourdieu. Capital e campo são mutuamente redundantes, uma vez que um campo é simplesmente o espaço onde o capital está concentrado. O *habitus*, por outro lado, é a encarnação do capital e também pode ser entendido como a somatização de categorias cognitivas e catequéticas, ou seja, como a impressão do poder simbólico no organismo socialmente estruturado (cf. Wacquant, 2016).

Se fizermos o equivalente semântico da “*smallest space analysis*” à *la* Guttman (1968) e Lingo (1965) ao quadro de Bourdieu, descobrimos que a diáde ou o dueto do *espaço social* e do *poder simbólico* é suficiente para regenerar todos os outros conceitos que ele utiliza e, assim, captar todos os tipos de fenómenos. A sua articulação constitui o núcleo concetual mais parcimonioso e irredutível da sua teoria da prática.

O espaço social como categoria central

O conceito de “*espaço social*” é o conceito genérico do qual deriva logicamente o *conceito específico de campo*, como um espaço social especializado que surge quando um domínio de ação e autoridade se torna suficientemente demarcado, autonomizado e monopolizado. Perceber que o espaço social (e não o campo) é o constructo geral que “enfrenta” os conceitos de *habitus* e capital para gerar a prática esclarece dificuldades recorrentes e dissolve uma miríade de falsos problemas (cf. Wacquant & Akçaoglu, 2017). Em primeiro lugar, somos

lembrados de que os campos são *fenómenos históricos relativamente raros* que existem apenas em certos domínios de atividade e apenas em formações sociais avançadas que sofreram diferenciação suficiente – é por uma boa razão que Bourdieu invoca tão frequentemente o conceito durkheimiano de *sociedades diferenciadas*, em vez de sociedades modernas, capitalistas ou pós-industriais. Craig Calhoun (1993) destacou a estreita historicidade dos campos na sua astuta contribuição para *Bourdieu: Critical Perspectives*, mas viu-a como uma tensão não resolvida na teoria da prática, e não como uma especificação incorreta da relação entre campo e espaço social. Por exemplo, Bourdieu não utiliza o termo “campo” quando revisita o seu trabalho de campo de juventude em *Le Sens pratique (The Logic of Practice)*, publicado em 1980 (1990): não havia campos na Cabília colonial porque as formas de capital não tinham sido desembaraçadas e classificadas em rastros institucionais distintos. Não se tratou de um mero descuido, pois surgiu uma década depois de ele ter produzido a sua primeira elaboração sólida de campo com o artigo sobre a “Structure and Genesis of the Religious Field” (1971 [1991]), que constitui um modelo para todos os outros campos.

A grande maioria da ação social desenrola-se em espaços sociais que são isso mesmo: espaços sociais, distribuições multidimensionais de propriedades socialmente eficientes (capitais) que estipulam um conjunto de posições padronizadas a partir das quais se podem prever de forma inteligente as estratégias. No entanto, não são campos, porque não têm fronteiras institucionalizadas, nem barreiras à entrada, nem especialistas na elaboração de uma fonte distintiva de autoridade e sociodiceia. Esta definição permite-nos evitar a multiplicação cómica de campos e formas de capital *ad infinitum* – dificilmente passa um mês sem que algum académico proponha uma nova espécie! Assim, não existe um “campo sexual” (*pace* Illouz 2012; Green, 2013) e nenhum “campo racial” (desculpem Matt Desmond e Mustafa Emirbayer, 2015), pela simples razão de que nem o sexo nem a raça, enquanto etnicidade denegada, são monopolizados por um nexo de instituições e agentes distintos que os elaboram para consumo de outros, (enquanto forma de etnicidade denegada) são monopolizados por um nexo de instituições e agentes distintos cujo papel é reificar estes objetos para consumo de outros (como, por exemplo, os padres fazem para os leigos ou os políticos para os eleitores). A importância sociológica destes objetos emana do próprio facto de atravessarem microcosmos e modelarem o espaço social em geral através da formação de *habitus*: são princípios de visão e divisão social que *não foram encurralados em campos*.

Em termos mais gerais, a promoção do espaço social como categoria âncora é coincidente com a reformulação de Bourdieu da questão da criação de grupos na sequência de *A Distinção* (que ele considerava grosseira e obsoleta nesta frente), que abandona a presunção da existência de classes para abrir caminho a uma ontologia radicalmente historicista dos coletivos sociais (cf. Wacquant, 2013).

Parte da confusão em torno da relação entre campo e espaço social foi semeada pelo próprio Bourdieu de duas maneiras. Em primeiro lugar, entre 1968 e 1977, ele desenvolveu a noção mais restrita de campo, antes de encontrar e elaborar plenamente a categoria mais ampla de espaço social que começou a substituí-la, a partir de 1975 e durante os anos 1980 e seguintes.

Dado que Bourdieu aperfeiçoou todos os seus conceitos para efeitos de inquéritos empíricos específicos para cada novo projeto de investigação, isto não é surpreendente; as suas análises nunca foram concebidas como parte de uma grandiosa metavisão parsoniana com um conjunto preconcebido de categorias analíticas. Em segundo lugar, Bourdieu teve de encontrar, aprender e adaptar as técnicas de análise de correspondências múltiplas de Jean-Paul Benzécri para operacionalizar a noção de espaço social e, a partir daí, maquiná-la conceptualmente. Lebaron e Le Roux (2015) mostram-no em *La Méthodologie de Pierre Bourdieu en action*. Em terceiro lugar, Bourdieu é muitas vezes bastante descuidado na sua própria utilização dos dois termos, mesmo depois de ter elaborado o conceito de espaço social: fala por vezes de um campo social, ou da família como um campo, e de vários contextos que misturam o espaço social simples com a intersecção de múltiplos campos como campos, o que não são. *Stricto sensu*, *Stricto censu*, também se pode argumentar que o chamado campo do poder não é de facto um campo (não é o local de concentração e distribuição de uma espécie distinta de capital, não tem um *nomos* específico, não segrega um conjunto de construções cognitivas distintas, etc.) mas um *metacampo* como um tipo de espaço social com várias camadas.

O poder simbólico como categoria central

Tal como o conceito de espaço social, o conceito de poder simbólico é epicentral e verdadeiramente original para a sociologia bourdieusiana. Aborda a capacidade de *categorização consequente*, a capacidade de fazer o mundo – de o preservar ou de o mudar – através da formação e difusão de quadros

simbólicos, instrumentos coletivos de construção cognitiva da realidade. É mais amplo, multifacetado, ramificado e poderoso do que o *habitus*, o capital e o campo juntos e ao quadrado. Ancora a tríade *cognição-reconhecimento-não-reconhecimento* que capta a visão de Bourdieu do agente social como um “animal simbólico”, para usar a linguagem de Ernst Cassirer, que é a principal inspiração por detrás do pensamento de Bourdieu nesta frente (aqui, o livro-chave a ponderar é o majestoso *An Essay on Man: An Introduction to a Philosophy of Human Culture* de Cassirer [1944]), mas um agente incorporado que existe em primeiro e em último lugar aos olhos dos outros, através de um “jogo de espelhos” recursivo em que as ficções sociais se tornam realidade na medida em que assentam em categorias partilhadas e crenças comuns que fundamentam a ação consonante.

O capital simbólico também capta a noção de Bourdieu de que o poder nunca é tão eficiente (e perigoso) como quando se disfarça e é paradoxalmente ativado pelo subordinado, de modo a proceder através de uma relação cognitiva de assentimento opaca a si próprio, evitando o dispêndio de persuasão material. A violência simbólica é essa força sem esforço que molda o mundo através da comunicação sem que nos apercebamos; ela engana tanto dominantes como dominados, como em *Masculine Domination [Dominação Masculina]* (Bourdieu, 2001 [1998]). O poder simbólico é um conceito que Bourdieu elabora ao longo de todo o espectro da sua vida científica, desde as suas investigações de juventude sobre a honra na Cabília e o parentesco no Béarn, passando pelos seus trabalhos sobre arte, educação e sofrimento social, até às suas incursões posteriores na política e ao seu eventual regresso à própria ciência. É expressa de forma mais compacta na pragmática sociológica de *Language and Symbolic Power* (Bourdieu, 1982) e em *Pascalian Meditations [Meditações Pascalianas]* (Bourdieu, 2000[1997]).

Uma ilustração notável do poder simbólico encontra-se no curso de conferências de Bourdieu *On the State* (Bourdieu, 2014[2012]). A viragem para o Estado foi necessária devido à intensificação do foco de Bourdieu no poder simbólico durante a década de 1980, o que logicamente o levou a confrontar-se com o grande “alquimista simbólico” da era moderna. É possível detetá-lo, por exemplo, no capítulo histórico sobre a unificação linguística da França, a mando das autoridades políticas, que abre *Ce que parler veut dire [O que falar quer dizer]* (Bourdieu, 1982), que demonstra que “a produção e a reprodução da língua legítima” operam em paralelo com a construção do Estado central, primeiro pela realeza absolutista e depois pela burguesia republicana, cujo

poder assenta cada vez mais na transmissão do capital cultural validado pelo Estado, ou seja, nas credenciais educativas. No seu curso de conferências *On the State*, Bourdieu oferece uma dissecação analítica das teorias do Estado (algo que não fez para nenhum outro tópico), uma reinterpretação ousada da transição histórica da “casa do rei” para a “razão de Estado” e um novo modelo do Estado como poder organizador ancorado no conceito de campo burocrático e na noção de “monopolização da violência simbólica legítima”. E correlaciona a forja do Leviatã moderno, assente no modo de reprodução burocrático, com a cunhagem da esfera pública, o avanço e a apropriação privada simultânea do universal e a ascensão do capital cultural. Ao fazê-lo, o Estado surge como sendo simultaneamente o produto, o local, o alvo e o árbitro das lutas para formar a realidade: o “poder simbólico supremo”, o “fetiche supremo” e o “mandado de todos os fetiches”.

Conclusão

Nesta contribuição, foi demonstrado que a tríade *habitus*, capital e campo pode ser substituída de forma frutífera pelo dueto espaço social e poder simbólico. Esta mudança da tríade para o dueto não só esclarece erros comuns, como também lança luz sobre a lógica interna do projeto de Bourdieu e pode ajudar-nos a alargá-lo ainda mais. O espaço social e o poder simbólico são conceitos cruciais para o que Bourdieu chamou de *socioanálise* (cf. Bourdieu & Wacquant, 1989; Wacquant, 1990): uma perspectiva que revela o inconsciente social, alojado nos corpos e nas instituições, que nos governa a todos, e que, portanto, promove o “retorno do reprimido”. Isto é mais visível em *The Weight of the World* (1999[1993]), e na dissecação de Bourdieu dos três microcosmos sociais que o moldaram: a sociedade aldeã do Béarn em que cresceu, em *The Ball of Bachelors* (2006 [2002]); o sistema académico através do qual ascendeu, em *Homo Academicus* (1988 [1984]); e a instituição filosófica da qual rompeu, em *The Political Ontology of Martin Heidegger* (1994 [1988]), que é uma espécie de exorcismo do filósofo em que poderia ter-se tornado.

Referências bibliográficas

- Bachelard, G. (1949). *Le rationalisme appliqué*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bourdieu, P. (1982). *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard (modificado e ampliado na tradução *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Harvard University Press, 1991).
- Bourdieu, P. (1988[1984]). *Homo Academicus*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (1989). Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, 7(1), 14-25. Bourdieu, P. (1990[1980]). *The logic of practice*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (1991a). *The craft of sociology*. New York: Walter De Gruyter.
- Bourdieu, P. (1991b). Genesis and structure of the religious field. *Comparative Social Research*, 13, 1-44.
- Bourdieu, P. (1994[1988]). *The political ontology of Martin Heidegger*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (1999[1990]). The social conditions of the international circulation of ideas. In R. Shusterman (Ed.), *Bourdieu: A critical reader* (pp. 22-228). Oxford: Basil Blackwell.
- Bourdieu, P. (2000[1997]). *Pascalian meditations*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (2001[1998]). *Masculine domination*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (2006[2002]). *The ball of bachelors*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (2014[2012]). *On the state*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. J. D. (1989). For a socioanalysis of intellectuals: On Homo Academicus. *Berkeley Journal of Sociology*, 34, 1-29.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. J. D. (1992). *An invitation to reflexive sociology*. Chicago/ Cambridge: University of Chicago Press/Polity Press.
- Bourdieu, P., et al. (1999[1993]). *The weight of the world: Social suffering in contemporary society*. Cambridge: Polity Press.
- Calhoun, C. (1993). Habitus, field, and capital: The question of historical specificity. In C. Calhoun, E. LiPuma, & M. Postone (Eds.), *Bourdieu: Critical perspectives* (pp. 61-88). Chicago: University of Chicago Press.
- Cassirer, E. (1944). *An essay on man: An introduction to a philosophy of human culture*. New Haven: Yale University Press.
- Desmond, M., & Emirbayer, M. (2015). *The racial order*. Chicago: University of Chicago Press.
- Green, I. A. (2013). *Sexual fields: Toward a sociology of collective sexual life*. Chicago: University of Chicago Press.
- Guttman, L. A. (1968). A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. *Psychometrika*, 33(4), 469-506.
- Illouz, E. (2012). *Why love hurts: A sociological explanation*. Cambridge: Polity Press.
- Lebaron, F., & Le Roux, B. (Eds.). (2015). *La Méthodologie de Pierre Bourdieu en action. Espace culturel, espace social et analyse des données*. Paris: Dunod.
- Lingoes, J. C. (1965). An IBM 7090 program for Guttman-Lingoes smallest space analysis. *Behavioral Science*, 10, 183-184.
- Medvetz, T. (2012). *Think tanks in America*. Chicago: University of Chicago Press.

Swartz, D. L. (2019). Bourdieu's Concept of Field in the Anglo-Saxon Literature. In J. Blasius, F. Lebaron, B. Le Roux, A. Schmitz (eds), *Empirical Investigations of Social Space*. Methodos Series, vol 15. Cham: Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-15387-8_11.

Wacquant, L. J. D. (1987). Symbolic violence and the making of the French agriculturalist: An enquiry into Pierre Bourdieu's sociology. *Journal of Sociology*, 23(1), 65-88.

Wacquant, L. (1990). Sociology as socioanalysis: Tales of homo Academicus. *Sociological Forum*, 5(4), 677-689.

Wacquant, L. (2013). Symbolic power and group-making: On Pierre Bourdieu's reframing of class. *Journal of Classical Sociology*, 13(2), 274-291 (tradução portuguesa em Wacquant, L. (2014). Poder simbólico e constituição de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. *Cadernos de Ciências Sociais*. 27, 145-165).

Wacquant, L. (2016). A concise genealogy and anatomy of habitus. *The Sociological Review*, 64(1), 64-72.

Wacquant, L. (2018). Four transversal principles for putting Bourdieu to work. *Anthropological Theory*, 18(1), 3-17 (tradução portuguesa em Wacquant, L. (2020). Quatro princípios transversais para mobilizar Bourdieu na pesquisa. In Borges Pereira, V., *Em (Re)Construção: elementos para uma sociologia da atividade na indústria da construção em Portugal*. (pp. 51-66). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras).

Wacquant, L., & Akçaoglu, A. (2017). Practice and symbolic power in Bourdieu: The view from Berkeley. *Journal of Classical Sociology*, 17(1), 55-69.

